



Aliás, Filosofia

ENTREVISTA

ROGER SCRUTON
FILÓSOFO

Eduardo Wolf*

Filósofo conservador popular, autor de mais de 50 obras, muitas das quais tratando expressamente do conservadorismo, é de se esperar que Sir Roger Scruton seja requisitado a opinar sobre os temas correntes da política que interessam à vida pública. O que não deixa de ser um desperdício: com vasta obra dedicada à estética, compositor (inclusive de óperas) e romancista, seus interesses intelectuais mais vivazes passam longe de governos e governantes: "Meu coração está na dimensão estética do Ser. Sempre esteve". Esta entrevista ao *Aliás* bem o comprova.

● Há um momento muito bonito em seu romance 'As Memórias de Underground' em que os personagens se apaixonam, e o sr. descreve o modo como eles olham um para o outro e se percebem como pessoas. Esse é um tema frequente em seus trabalhos filosóficos, seja em 'Sexual Desire', um livro dos anos 80, seja em 'O Rosto de Deus', que é recente. Como foi a experiência de escrever literariamente sobre temas que o sr. trabalha filosoficamente? Quando falamos do modo pelo qual as pessoas subitamente se veem transfiguradas na visão do amor, não estamos falando de algo diferente daquilo que elas estão vendo, mas sim que elas estão vendo [as mesmas coisas] de um modo novo. Os amantes podem olhar para os olhos um do outro, para o rosto um do outro, e os animais também podem fazer isso. Mas os amantes podem, além disso, olhar nos olhos um do outro, o que não quer dizer que estejam olhando para alguma outra coisa. Este modo de olhar é como se fosse um chamado ao outro para que apareça e transfigure o mundo. Essa experiência foi muito importante para mim, quando estava escrevendo esse livro, porque eu estava escrevendo sobre a experiência da sociedade totalitária [o livro se passa na Praga comunista], na qual, deliberadamente, tudo fica sem rosto – não apenas as pessoas, mas também as coisas, as paisagens, as casas, as ocupações das pessoas. Tudo é tornado impessoal, uma forma de controle, e exatamente por essa razão, quando a luz de um outro self brilha através dessa impessoalidade, ela porta um esplendor particular, mais forte do que qualquer coisa que se poderia encontrar em uma sociedade livre como a nossa.

● Como o sr. se envolveu com o chamado "underground", o ambiente de resistência aos regimes comunistas no Leste Europeu, como foi o caso da extinta Checoslováquia, onde se passa o romance? Ah, uma colega pediu-me, pois ela tinha alguns amigos que se encontravam em seminários privados em Praga. Pedi-me para ir até lá falar com eles em uma dessas atividades. Também fui convidado para ir à Polônia por essa mesma época. Então eu fiz essa viagem, e fiquei chocado com o que encontrei, a sensação de desolação, e, no caso checo, a perseguição a meus colegas [professores, intelectuais], que tinham sido escoraçados de seus trabalhos e ganhavam vida varrendo as ruas, coisas assim. E ainda queriam se reunir, debater ideias. Assim, passamos a nos encontrar.

● Muito de sua obra sobre política parece-me depender de considerações éticas e estéticas, que seriam mais fundamentais, e não o contrário, apesar de suas obras políticas serem mais populares. O sr. concorda com isso? Com certeza. Meu coração está na dimensão es-



Scruton. 'Numa sociedade totalitária tudo fica sem rosto – não apenas as pessoas, mas também as coisas, as paisagens, as casas'

A DEFESA DA TRADIÇÃO POR SCRUTON

tética do Ser. Sempre esteve. Meu interesse por Filosofia nasceu disso. A filosofia política nunca foi o meu verdadeiro interesse. Um colega de esquerda me pediu para escrever *O Que é Conservadorismo* porque ele estava coordenando uma coleção de livros sobre filosofia política e não conhecia ninguém que pudesse escrever sobre o assunto. Foi um erro (risos), porque eu acabei preso a essa coisa toda de ser identificado como um intelectual conservador. E é claro que eu sou um conservador, mas meu coração está na literatura, está em tentar compreender o mundo. A política é apenas uma parte disso.

● Este ano, a revista 'New Statesman', em uma entrevista fraudulenta, atribuiu ao sr. declarações e opiniões que, depois se comprovou, não eram suas. O Partido Conservador, no entanto, de-

miuiu-o de uma posição não remunerada em função da fúria da turba digital em redes sociais. Como esse episódio serve de testemunho de nossa época?

Filósofo lança novo romance e uma obra de não ficção no Brasil e fala sobre sua visão a respeito do que significa ser conservador no mundo atual

Em primeiro lugar, dá testemunho de que os conservadores, não importa o poder político que tenham, têm muito medo da esquerda. Eles ficam apavorados com esses "crimes de pensamento" sem sentido que podem ser atribuídos a eles. Não sabem como lidar com isso, então ficam assim. Segundo, o Partido Conservador, no Reino Unido, perdeu todo o sentido daquilo que ele defende: a presunção de inocência, seus compromissos para com o seu mais importante intelectual – se alguém como eu importa tão pouco para o Partido Conservador, em que medida você pode supor que ele de tenha alguma doutrina conservadora? Considero esse um episódio ilustrativo da perda

de identidade do Partido Conservador. Não fui eu que precipitei isso, mas toda essa coisa em torno do Brexit, já que o Partido Conservador ficou sem liderança em um momento crucial em que mais precisava.

● Seu livro mais recente se chama 'Conservadorismo – Um Convite à Grande Tradição'. Qual é o apelo de uma convocatória ao público para que leia Richard Hooker, Adam Smith ou Edmund Burke em uma época de turbas ensandecidas no Twitter? Lamento dizer que não há muito apelo para as pessoas que passam sua vida no Twitter. (Risos). Sempre foi o caso que o nível intelectual de discussão restringe-se a uns poucos indivíduos que, por uma razão ou outra, se interessam por essas questões. E eu escrevo para essas pessoas. Eu não sou um político, não estou comprometido com a política [em seu sentido] prático. Estou engajado, entretanto, na tarefa de definir certas ideias que os políticos práticos podem usar. Talvez exista alguém que possa, digamos, escrever uma versão para o Twitter de meu livro *Filosofia Verde* – mas eu não vou fazer isso. E nós todos entendemos, tanto as pessoas de esquerda quanto os conservadores, que as mídias sociais tiveram um imenso e amplamente negativo impacto na habilidade das pessoas para compreenderem argumentos, ou para se engajarem de maneira polida em discussões com quem tem visões divergentes. E todos lamentamos isso. Mas nós não temos um muro para nos separar do grande caldeirão de malícia em que a grande maioria vive. Algumas pessoas nem mesmo querem este muro, como o presidente Donald Trump, que está muito feliz em contribuir com essa malícia urinando nesse caldeirão ao seu modo particular.

* É DOUTOR EM FILOSOFIA PELA USP E PROFESSOR DO LABORATÓRIO DE POLÍTICA, MÍDIA E COMPORTAMENTO DA PUC-SP/FUNDASP. É EDITOR DO 'ESTADO DA ARTE'



Livre. Ocupada até 1990, Checoslováquia se libertou com ajuda de Scruton e outros autores

● O leitor que dedicar algumas horas ao instrutivo *Conservadorismo – Um Convite à Grande Tradição* (Record), de Roger Scruton, corre o risco de se espantar com a visão do autor. Nada há de polêmico, importa dizer, no livro do pensador de 76 anos. Qual seria a razão do espanto, então?

Na abertura do segundo capítulo, *O Nascimento do Conservadorismo Político*, após ter exposto o modo como filósofos como John Locke (1632-1704), Montesquieu (1689-1755) e David Hume (1711-1776) criaram o chão conceitual em que surgiria nossa moderna compreensão do governo representativo constitucional e, nesse sentido, da própria tradição a que chamamos de liberalismo político, Scruton escreve que "o conservadorismo surgiu mais como hesitação no interior do liberalismo que como doutrina e filosofia em si".

Nesta obra erudita, acessível e aberta a variadas vertentes do pensamento político moderno, Scruton constrói a genealogia do pensamento conservador desde sua pré-história – de Richard Hooker (1530-1600) a Samuel Johnson (1709-1784) até os

OBRA ERUDITA E ABERTA ÀS VERTENTES MODERNAS

dias atuais. Gradativamente estabelece a consolidação da moderna política de soberania popular (os primórdios da democracia moderna) com seus contornos de governo limitado, instituições representativas e separação dos poderes e garantia dos direitos individuais – pontos sobre os quais liberais e conservadores concordavam. Nas palavras de Scruton, "a fronteira entre a posição liberal e conservadora se tornou uma fronteira interna ao domínio da soberania popular, e entenderemos o

conservadorismo moderno como movimento político apenas se percebermos que alguns elementos de individualismo liberal foram programados nele desde o início". Que choque para o leitor brasileiro, habituado que está a ver liberalismo e conservadorismo como irreconciliáveis – apesar da lição histórica e conceitual de Scruton ser moeda corrente aos estudiosos do tema no mundo anglófono, podendo mesmo ser encontrada em bons livros de referência disponíveis até no Brasil, como o *Liberalismo* de José Guilherme Merquior.

Do nascimento do conservadorismo político moderno com Edmund Burke (1729-1797) às críticas ao racionalismo político e ao dirigismo estatal – quer em sua versão moderada anglo-americana, quer em sua visão totalitária nos países comunistas – que encontraremos em autores como Michael Oakeshott (1901-1990) e Friedrich Hayek (1899-1992), respectivamente, a análise de Scruton demonstra as aproximações inerentes a ambas as posições políticas, liberalismo e conservadorismo, com o mesmo rigor e cuidado com o qual determina seus limites: "O conservadorismo defende a liberdade, sim. Mas também as instituições e atitudes que moldam o cidadão responsável e asseguram que essa liberdade seja benéfica para todos". Daí a defesa de limites à liberdade, em divergência com o liberalismo em certas acepções.

Mas há outra razão para um possível espanto do leitor: a proeminência que a tradição de um conservadorismo cultural, mais dedicado à preservação na esfera simbólica valorativa e espiritual da cultura e da criação artística de um legado que é mais que mera tradição, erigindo-se em visão mesma da condição humana. Daí a importância que ensaístas como John Ruskin (1819-1900) ou de um poeta como T. S. Eliot (1888-1965).

Essa proeminência ajuda o leitor brasileiro, aliás, a compreender também *As Memórias de Underground*. O romance traz as evocações de Jan

Reichl, focando sobretudo seu envolvimento amoroso com a jovem Betka e com o novo mundo dos dissidentes políticos, o underground. Jan, autor de *samizdat* (obras clandestinas publicadas fora do alcance da censura comunista) é quem conduz o leitor por esses caminhos subterrâneos não apenas da clandestinidade política, mas também das emoções humanas, compondo uma escala quase melódica de referências estéticas e existenciais no romance: a brutal condição daqueles a quem coube viver sob o totalitarismo comunista; a vida possível de Jan, oculto de autoridades no metrô e no ambiente clandestino; os ecos de Dostoiévski, que vão no título. No coração dessa melodia, no entanto, está uma recorrente preocupação filosófica de Scruton: o reconhecimento do outro, deste ser humano diante de nós, e em nosso entorno, e que precisa ser reconhecido para além de toda máscara social, de toda despersonalização, e visto em sua profunda e autêntica individualidade.

Espanto há de ocorrer, claro, especialmente para o leitor que não seja próximo desta linhagem britânica do conservadorismo, na qual frequentemente os objetos sobre os quais recai o dever da conservação são estéticos e éticos, antes que políticos. Aos que estão familiarizados, não haverá espanto; antes, apenas o prazer da contemplação mais larga de uma paisagem moral, estética e política já familiar – tão ao gosto do conservadorismo. / E.W.

CONSERVADORISMO

AUTOR:
ROGER SCRUTON
TRADUÇÃO:
ALESSANDRA BONRRUQUER
EDITORA: RECORD
154 PÁGINAS
R\$ 39,90

